

# INDIGNADOS OCUPAM PRAÇA EM SÃO PAULO

Por **Guilherme Zocchio**

Acompanhando Santiago, Nova Iorque, Lisboa, Barcelona, Madrid, Londres, Atenas, Rabat, Cairo e tantas outras cidades no mundo, também está acontecendo uma acampada dos indignados em São Paulo. Desde o dia 15 de outubro, quando se deflagrou uma onda de protestos anticapitalistas pelo mundo, parte do movimento no Brasil figura sob o viaduto do chá, no vale do Anhangabaú. A empreitada, que não tem demanda única nem prazo para acabar, conta, até o fechamento dessa edição do **Contraponto**, com a presença de pelo menos 200 pessoas pernoitando regularmente e entre 250 a 300 pessoas participando com frequência das assembleias no acampamento.

Entre os pontos principais que a ocupação levanta destaca-se a questão da democracia real, participativa, que vai de frente à ideia de representatividade imperante hoje na política. Mesmo tímido, o movimento já ensaia crescimento e avanços nessa e em outras propostas. “Na Espanha a primeira acampada tinha trinta pessoas, a nossa já tinha oitenta no sábado [15 de outubro]. Então, eu acho que a tendência é crescer, e formar, na verdade, o que é a democracia real”, diz Angélica Farah, 49, técnica em patologia clínica e parte dos acampados. Como outros, ela aponta que o movimento vai durar sem um prazo limite. “Tem gente que pergunta assim pra mim: ‘ah, quando vai ser a democracia real?’. Eu falei: quando a população estiver preparada”.

Um ponto diferencial desse para outros movimentos anticapitalistas ou sociais é o fato de que, para defender democracia real de fato, tudo é decidido e discutido até se chegar, de acordo com o método das assembleias e dentro do possível, a consensos. “A questão consensual do movimento e também de se fazer política fora da esfera institucional, oficial, é o que realmente o mundo está precisando. E eu acho que esse movimento é uma resposta clara a essa necessidade de se reocupar os espaços, a rua, que são os espaços públicos, e tudo isso”, diz André Silva, 31, professor de história, que, embora não esteja acampando, frequenta todas as assembleias da ocupação.

Os motivos que levam cada um no Anhangabaú a estar acampado são os mais variados, apesar de a conjuntura não apontar um pretexto mais objetivo no Brasil – como no caso da Espanha, onde o desemprego entre os jovens chega a 40%. Ganha destaque, sobretudo, o fato de o movimento acontecer mundialmente. “A panela de pressão já tá apitando, sabe? As pessoas estão começando a ver que as coisas poderiam ser diferentes sim e que para mudar é necessário nos unirmos. Acho que estamos tomando consciência disso e, o mais importante, agindo”, explica Julia Spindel, acampada, 24, atriz e estudante de teatro na Universidade Anhembi-Morumbi. “São mais de 900 cidades no mundo. É gente! E o mais importante, é gente trocando, aprendendo, agindo contra esse sistema”, completa.

*Movimento que questiona sistema político-econômico mundial e propõe ‘democracia real já!’ encontra ecos no Brasil*



Fotos: © Guilherme Zocchio



“Não adianta comparar a conjuntura de outro país com o nosso, para a nossa realidade, achar que vai vir em um dia ou outro dez mil ou vinte mil participando. Eu acredito que só de promover isso, tudo isso, de incomodar o Estado, é importante já”, defende no acampamento Hernani Piran, 21, estudante de Ciências Sociais na Uninove. Além disso, o caráter plural do movimento, sem levantar uma única bandeira específica, amplia a perspectiva de vários interesses estarem agrupados, no fundo, em um só lugar. “Eu estou vendo também bastante pluralidade, bastante diversificação de pessoas, de temas”, observa Atila Robson Pinheiro, 49, que segue em situação de rua e é coordenador regional do movimento nacional da população de rua.

Como ele, outros em situação de rua, principalmente os moradores que circulam por volta do vale do Anhangabaú, juntaram-se e passaram a integrar o acampamento, inclusive ajudando na organização de tarefas como a segurança e a limpeza. “Todos que estiveram aqui, da rua, estão se sentindo seguros, estão se sentindo pertencentes, e eu só tenho a agradecer e dizer que é um momento muito feliz pra mim e pro segmento populacional do qual eu faço questão de dizer que para mim é uma luta e me dá muita vida”, explica Atila. Durante o fechamento desta edição do **Contraponto**, a acampada completou 19 dias no vale do Anhangabaú; e não há perspectiva para que termine.